



estudos semióticos

www.revistas.usp.br/esse

issn 1980-4016
semestral

agosto de 2019

vol. 15, n. 1
p. 31–47

Sobre o conceito de ator coletivo: a construção discursiva do manifestante de rua em postagens do Facebook da Mídia Ninja

Marcos Rogério Martins Costa*

Resumo: Em março de 2015, aconteceram os protestos contrários e em prol das políticas da recém-reeleita presidente Dilma Rousseff. A mobilização popular foi intensa e incentivou o Congresso Nacional a iniciar o processo de *impeachment*. A partir das postagens na plataforma Facebook publicadas pelo grupo Mídia Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação (Mídia Ninja), durante o referido período, este estudo desenvolve o conceito de ator coletivo. A noção de actante coletivo foi, primeiramente, proposta por Greimas e Landowski (1981), em uma análise sobre o discurso jurídico. Desde então, é um conceito que não foi explorado com maior profundidade pelos teóricos do texto e do discurso. Por meio da construção discursiva da *Mídia Ninja*, desenvolvemos a noção de ator coletivo a partir do ator manifestante de rua. Como arcabouço teórico, retomamos as premissas teóricas de Greimas e Courtés (2008) e os desdobramentos tensivos de Fontanille e Zilberberg (2001) e Zilberberg (2011). A metodologia aplicada é uma revisão bibliográfica apoiada pela análise semiótica de duas postagens do Facebook selecionadas. Os resultados apontam que existem dois perfis para o ator coletivo *manifestante de rua*: o generalizado e o personalizado.

Palavras-chave: semiótica; ator coletivo; manifestante de rua.

Podemos perdoar uma criança que tem medo da escuridão.
A verdadeira tragédia é quando o Homem tem medo da luz.
(Platão, 2006, p. 42).

A partir das *Jornadas de Junho*, de 2013, as ruas paulistanas foram tomadas por manifestantes de rua que reivindicavam a revogação do aumento da tarifa de transporte público. Em pouco tempo, o movimento se espalhou pelo Brasil todo e requereu diversas outras pautas. O Governo Federal já estava enfrentando as maiores mobilizações populares do período de redemocratização brasileiro¹. Em março de 2015, houve, então, protestos contrários e em prol das políticas

DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2019.154853

* Docente da Faculdade Unificada do Estado de São Paulo (FAUESP) e professor da Secretaria Municipal de São Paulo (SME), São Paulo, Brasil. Endereço para correspondência: (marcosrm-costa15@gmail.com). ORCID iD: (<https://orcid.org/0000-0002-4627-9989>)

¹ Para maiores esclarecimentos sobre essas manifestações populares, sugerimos as obras de Nobre (2013a; 2013b) e as análises semióticas de Costa (2016a; 2016b; 2018).

da recém-reeleita presidente Dilma Rousseff que também se iniciaram em São Paulo-SP. É um momento de efervescência popular no Brasil, conforme Secco (2017).

Partimos dessa conjuntura sociocultural e política para desenvolver o conceito semiótico de *ator coletivo*. A noção de *actante coletivo* foi, primeiramente, proposta por Greimas e Landowski (1981), em uma análise sobre o discurso jurídico a partir da lei n. 66.537, de 24 de julho de 1966, que aborda as sociedades comerciais². De acordo com os dois semioticistas, o reconhecimento da estrutura formal do *actante coletivo* é relevante, pois a noção “permite não apenas determinar o estatuto da sociedade comercial no nível chamado profundo, mas também pode servir de base às considerações sobre a natureza do grupo de sociedades” (Greimas; Landowski, 1981, p. 86).

O pioneirismo do estudo do Grupo de Pesquisa comandado pelo mestre lituano foi o de demonstrar que a *pessoa jurídica* pressuposta ao discurso da lei examinada era “susceptível de predicções sucessíveis” e, como previsto no ordenamento jurídico, deveria “comportar-se de determinada maneira e, no comportamento, obedecer a certo número de regras explícitas” (Greimas; Landowski, 1981, p. 84). Todas essas características levaram a depreender que a pessoa jurídica poderia ser definida pelo campo de suas funções. Como o actante, seguindo a proposta de Tesnière (1988), é “concebido como aquele que realiza ou sofre o ato, independentemente de qualquer outra determinação” (Greimas; Courtés, 2008, p. 20). Greimas e Landowski (1981) apreendem que esse conceito poderia incorporar o campo de funções previsto no discurso jurídico para as sociedades comerciais.

Com isso, é rompida a interpretação de que a diferença entre *actante individual* e *actante coletivo* se deve às características de individuação, isto é, de unicidade e historicidade. Para Greimas e Landowski (1981, p. 85, grifos dos autores):

[...] a possibilidade de construção de actantes coletivos depende de nossa faculdade geral de imaginar diferentes modos de existência de “seres quantitativos”, de conceber, no *continuum* do mundo, diferentes recortes em unidades e totalidades descontínuas, sendo justamente unidade e totalidade categorias universais que tornam possível semelhante recorte.

Como é um recorte no *continuum* do mundo, os *actantes coletivos* representam *seres quantitativos* que possuem um campo de funções no discurso, seja no jurídico ou em qualquer outro. Essa proposta teórica considera, ainda, que esses seres semióticos também possuem unicidade e historicidade, portanto, eles podem ter “ancoragem histórica específica (inscrição no espaço e no tempo, denominação, etc.)” (Greimas; Landowski, 1981, p. 84) que os diferencia de outras unidades e totalidades. Nesse sentido, consideramos também apropriado o conceito de *ator coletivo*, uma vez que a noção de *ator* pressupõe, pelo menos, um papel temático e um papel sintático, enquanto que a de *actante* prevê apenas um papel

² Esse estudo foi realizado em 1970, encomendado pelo Centro de Pesquisa sobre Direito das Transações da Câmara de Comércio e Indústria de Paris. Além de Greimas, que orientou o grupo, e de Landowski, que redigiu o relatório final, participaram, como relatores, G. Burcher, Claude Chabrol e Paolo Fabbri. Mais tarde, Greimas publicou um resumo corrigido do relatório dessa pesquisa na coletânea *Semiótica e ciências sociais*, a qual consultamos (Greimas; Landowski, 1981).

sintático. Logo, existem atores coletivos que possuem tanto um campo de funções no discurso, como também um recorte semântico construído *nas e pelas* formações discursivas e ideológicas em que circulam.

Partindo desses pressupostos, este estudo possui dois objetivos específicos: (i) revisitar o conceito de *actante coletivo*, proposto por Greimas e Landowski (1981); e (ii) analisar semioticamente a aplicação do conceito de *ator coletivo* em enunciados midiáticos. Para tanto, propomos examinar duas postagens na rede social do Facebook lançadas pelo grupo Mídia Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação (Mídia Ninja), publicadas durante o mês de março de 2015. O critério de seleção para as duas publicações foi o de relevância, tempo e localização. Escolhemos duas postagens que tratassem de modo distinto, no que se refere às estratégias discursivas, da temática das manifestações de rua ocorridas na cidade de São Paulo-SP, epicentro dos primeiros e mais numerosos protestos, tanto daqueles a favor, como dos contrários às políticas promovidas por Dilma Rousseff.

Como enunciador midiático, preferimos analisar um veículo que não fosse o convencional, uma vez que uma das principais características das manifestações de rua do século XXI é o uso de canais midiáticos não tradicionais para difusão de notícias, conforme sustentam os estudos de Gohn (2014a; 2014b; 2016) e Scherer-Warren (2006; 2014). Selecionamos, então, a *Mídia Ninja*. Esse grupo surgiu oficialmente em 2013, durante o Fórum Social Mundial, realizado na Tunísia. De acordo com Lorenzotti (2014), em 2011, já existiam, entre os comunicadores do Fora do Eixo, coberturas multimidiáticas de acontecimentos sociais sendo produzidas, constituindo o germen do que seria o *modus operandi* da *Mídia Ninja*.

A *Mídia Ninja* é considerada uma mídia alternativa em comparação à grande mídia – esta é composta por jornais impressos e digitais consolidados no País, como, por exemplo, *Estado de São Paulo*, *Folha de São Paulo* e *O Globo*, dentre outros. Além disso, como já apontamos em outra oportunidade, há, ainda, três características definem a *Mídia Ninja* como uma mídia alternativa:

- é um canal de informação digital paralelo aos já existentes e consolidados nos meios de comunicação de massa, como, por exemplo, o jornal, o rádio e a TV;
- é bem diferente das outras mídias, principalmente frente à mídia impressa, tanto em relação aos suportes tecnológicos utilizados (*softwares*, *hardwares* e outros equipamentos de informática), quanto no concernente à mídia predominante, que, no caso da *Mídia Ninja*, é a internet;
- é contrária às práticas jornalísticas habituais da imprensa tradicional, como, por exemplo, o tratamento e a editorialização das imagens e dos vídeos. (Costa, 2017, p. 282)

Por meio da construção discursiva da *Mídia Ninja*, desenvolvemos a noção de ator coletivo a partir do ator *manifestante de rua*. Escolhemos esse ator, porque ele possui características discursivas que o distinguem tanto como uma *coletividade* – quando entendido como um grupo que protesta contra ou a favor de determinadas pautas – quanto como um actante suscetível de *individualização*, isto é,

uma pessoa que pode ser nomeada, situada espaço-temporalmente e predicada sucessivamente.

Como arcabouço teórico, retomamos as premissas teóricas de Greimas e Courtés (2008) e os desdobramentos tensivos de Fontanille e Zilberberg (2001) e Zilberberg (2011). O método aplicado é o de revisão bibliográfica apoiado pela análise semiótica de duas postagens do Facebook selecionadas. Dividimos, metodologicamente, este estudo em três partes: (a) investigação sobre a produção jornalística da *Mídia Ninja*; (b) revisão do conceito de *actante coletivo* proposto por Greimas e Landowski (1981); e (c) análise semiótica de postagens selecionadas.

Sobre o conceito de actante coletivo

Em uma conferência realizada em outubro de 1970, em Milão, Greimas (1981c) discutiu as potencialidades e limiares das comunicações sociais³. Nessa ocasião, o lituano proferiu as seguintes considerações:

Então, tendo-se assegurado sumariamente do estatuto semiótico social do indivíduo, é fácil conceber sua aculturação ulterior como aprendizagem, mais ou menos bem sucedida, de certo número de “linguagens” especializadas que o fazem participar, não de grupos sociais propriamente ditos, mas de “comunidades de linguagens” restritas, de grupos semióticos caracterizados pela competência que possuem em comum os indivíduos que deles fazem parte para emitir e receber certo tipo de discurso. Do ponto de vista semiótico, certo tipo de diferenciação social define-se não a partir de grupos sociais constituídos por meio de práticas socioeconômicas comuns, mas levando em conta uma tipologia dos universos semânticos e dos discursos socializados, já que um único e mesmo indivíduo pode participar de vários grupos semióticos e assumir tantos papéis sociossemióticos quantos são os grupos em que se acha integrado. (Greimas, 1981c, p. 43)

Com isso, Greimas (1981c) reivindica um lugar para as ciências da linguagem no campo dos fenômenos sociais. Principalmente, no que se refere às comunicações, a linguagem não pode ser ignorada. Conforme defende o mestre lituano:

[...] parece que há um termo ausente – porque está implícito como uma evidência ou porque é voluntariamente ocultado? – dessa denominação complexa e variável [das comunicações sociais]: aquele que remeteria para os conteúdos que são objeto da comunicação, da qual se costumam considerar apenas os meios. Esse termo poderia muito bem ser *cultura*, termo de contornos vagos, usado para evocar a totalidade de conteúdos valorizados, próprios de uma comunidade. (Greimas, 1981c, p. 35)⁴

Essa é a postura de Greimas frente à vacuidade com que o conceito de *cultura* é abordado nas comunicações sociais naquele momento, segunda metade do século

³ Greimas participou do Congresso Nacional sobre “Estado e tendência atual da pesquisa sobre comunicação de massa” e sua conferência foi publicada no Anuário de 1970 do Instituto Agostino Gemelli, de Milão. Depois, o estudo foi publicado na coletânea *Semiótica e ciências sociais* (Greimas, 1981a), a qual consultamos sob o título “Semiótica e Ciências Sociais” (Greimas, 1981c).

⁴ Nesse trecho, Greimas (1981c) faz uma crítica à tese de McLuhan (2007) de que o meio é a mensagem. Para maiores esclarecimentos sobre a proposta de McLuhan, recomendamos a leitura de Pereira (2011).

XX⁵. Os dois apontamentos que o mestre lituano fez descortinam possibilidades de análise mais apuradas no que se refere a “uma interrogação franca sobre a especificidade dos conteúdos que são objeto das comunicações sociais” (Greimas, 1981c, p. 36). Para isso, o estudioso demonstra: (i) a necessidade de se considerar os aspectos culturais e (ii) a participação ativa dos grupos de linguagem no processo de aculturação pressuposto em todo e qualquer objeto das comunicações sociais.

A nosso ver, actantes e atores coletivos são fundamentais para o entendimento desses dois apontamentos. Isso se deve a três razões. Primeiramente, actante e atores coletivos são categorias que podem operacionalizar a apreensão e a diferenciação entre os diversos e diferentes grupos de linguagem pressupostos em cada texto e discurso. Em segundo lugar, o recorte do *continuum* das totalidades se faz a partir de critérios, os quais, por sua vez, se embasam, majoritariamente, na cultura de cada comunidade, logo actantes e atores coletivos dependem dos aspectos socioculturais e históricos de cada comunidade. Em terceiro lugar, como parte da cultura de cada comunidade, actantes e atores coletivos favorecem a descrição do processo de aculturação pressuposto aos objetos de comunicação social.

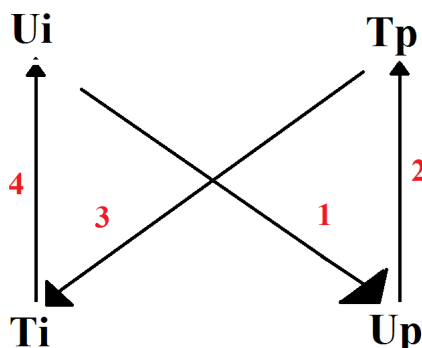
Neste tópico, vamos desenvolver o conceito de *actante coletivo* e no próximo o de *ator coletivo* por meio da análise do ator *manifestante de rua*. Começemos por revisitar a proposta de Greimas e Landowski (1981). Para descrever o nível profundo do actante coletivo, os dois semioticistas fazem a seguinte reflexão:

Suponhamos que exista de início uma coleção qualquer de indivíduos discretos caracterizados como unidades (U), pelo fato de serem descontínuos, e como integrais (i), por possuírem os traços de individuação. Para que esses indivíduos-atores possam ser considerados como pertencentes a um actante coletivo representando uma nova totalidade (T), que chamaremos partitiva (p), isto é, um todo do qual seriam partes, é preciso que, embora subsistindo como unidade (U), eles abandonem sua integridade (i), para serem considerados apenas como partitivos (p), isto é, como indivíduos dos quais sejam levadas em consideração apenas as determinações que eles compartilham com o conjunto de seus congêneres, pertencentes à mesma coleção. (Greimas; Landowski, 1981, p. 86)

As relações descritas por Greimas e Landowski (1981) constituem um quadrado semiótico. Este é um modelo lógico mais geral da série de operações pressupostas no nível mais profundo do percurso gerativo do sentido. O percurso vai das relações mais simples e abstratas para as mais complexas e concretas, sendo composto por três patamares: o das oposições semânticas mínimas e mais abstratas, nomeado de *nível profundo*; o das relações entre os objetos e os sujeitos, chamado de *nível narrativo*; e, por fim, o das estruturas em que os actantes do nível narrativo são *encarnados*, isto é, são discursivizados (actorialização, temporalização e espacialização), tematizados e figuratizados; este é o *nível discursivo*. Greimas e Landowski (1981) esquematizam as oposições mínimas dos actantes coletivos no seguinte quadro semiótico que reproduzimos:

⁵ Atualmente, existem diversas correntes da epistemologia da comunicação que consideram a linguagem para além da concepção estreita de que ela é meio ou instrumento do pensamento humano. Sugerimos a leitura de Santaella (2005) e os verbetes “língua/fala” e “linguagem” do Dicionário essencial de comunicação, de Rabaça e Barbosa (2014, p. 153-154).

Figura 1: Relações fundamentais do actante coletivo.



Legenda: **Ui** = unidade integral **Ti** = totalidade integral

Up = unidade partitiva **Tp** = totalidade partitiva

Fonte: Reprodução da figura proposta por Greimas e Landowski (1981, p. 86).

Seguindo esse modelo, acompanhamos a transformação de uma coleção de indivíduos integrais (Ui) em uma totalidade integral (Ti). Para que isso ocorra, duas operações acontecem. Na figura, numeramos essas três operações de 1, 2 e 3. Na operação 1, encontramos a transformação de Ui em Up, “ou seja, a negação da integridade do indivíduo e a asserção de seu caráter partitivo” (Greimas; Landowski, 1981, p. 86). Na operação 2, temos a Up que se torna Tp, “ou seja, a conjunção de indivíduos definidos como partes com a totalidade que suas propriedades pressupõem logicamente” (Greimas; Landowski, 1981, p. 86). A terceira operação é a transformação da Tp em Ti, isto é, a totalidade é integral independentemente das propriedades logicamente pressupostas de suas unidades. As operações presentes na figura 1 auxiliam a descrever a construção de dois tipos de actante coletivo: os *paradigmáticos* e os *sintagmáticos*.

Greimas e Landowski (1981) explicam que, se definirmos o actante exclusivamente pelo conjunto de suas funções, isto é, “pelo programa virtual que ele é capaz de atualizar, perceberemos, por exemplo, que a Renault (ou qualquer outra empresa de construção de automóveis) pode ser considerada como um actante sintagmático [...]” (Greimas; Landowski, 1981, p. 85). Expliquemos o exemplo da Renault. Nessa empresa de carros, os diferentes atores (operários, engenheiros, administradores etc.) estão todos inseridos dentro de um mesmo programa narrativo. Prova disso é que eles se alternam progressivamente entre si, em prol da produção do objeto-automóvel. Logo, eles valem como um conjunto sintagmático em que cada um depende necessariamente do outro para que o coletivo exista. Eis o actante coletivo sintagmático.

Greimas (1981b) alerta que “o sujeito sintagmático não é, pois, a coleção de homens concretos, em carne e osso, mas um coletivo de homens considerados somente enquanto agentes de um fazer programado” (Greimas, 1981b, p. 154). Partindo dessa reflexão, apreende-se que existe “[...] a possibilidade de especificar os sujeitos e os programas de fazer histórico segundo os níveis estruturais a que

correspondem suas atividades” (Greimas, 1981b, p. 154). O processamento do actante coletivo sintagmático ocorre a partir das operações 1 e 2, porque a coleção de indivíduos integrais (Ui) torna-se uma totalidade partitiva (Tp).

Por exemplo, existem o sujeito X, o sujeito Y e o sujeito Z, e eles separadamente são unidades integrais não relacionadas (Ui). Quando eles se reúnem, formam a empresa 1 (Tp) e isso faz com que os sujeitos X, Y e Z se tornem o funcionário X, o engenheiro Y, o diretor Z, isto é, unidades partitivas (Up). E a empresa passa a existir como Tp, porque todas aquelas Ui fazem parte dela como Up.

O processamento não é o mesmo quando o actante coletivo é o paradigmático. O processo programado em conjunto pelos atores-indivíduos não necessariamente define o actante coletivo. Outros fatores são considerados, a saber: “(a) de uma divisão classificatória de uma coletividade mais ampla e hierarquicamente superior” ; (b) de operações baseadas em “critérios-determinações que os atores possuem em comum (seu campo funcional ou suas qualificações específicas)” (Greimas; Landowski, 1981, p. 85). O actante coletivo paradigmático processa mais uma operação, pois, além da 1 e 2, ele realiza a operação 3. O resultado é que uma coleção de indivíduos integrais (Ui) passam a se reconhecer como parte de uma totalidade integral (Ti).

Segundo Greimas e Landowski (1981, p. 85-86), “ao contrário do que ocorre quando da instituição do actante sintagmático, onde as unidades-atores são totalizadas à maneira de números ordinários, o actante paradigmático [...] constitui uma totalidade entre uma coleção de unidades e a totalidade que a transcende”. Com isso, o problema colocado pelos actantes coletivos paradigmáticos é distinto dos sintagmáticos.

Em outro estudo⁶, Greimas (1981b) discute que o problema suscitado pelo actante coletivo paradigmático é de outra ordem. Para embasar isso, o lituano utiliza o exemplo da multidão que se manifesta nas ruas de Paris. Conforme crítica Greimas (1981b), é errônea e simplista a ideia de que a multidão seria uma coleção numérica de indivíduos. O semiótico propõe pensar a multidão como “um sujeito coletivo [que] se constitui pela integração do querer-fazer partilhado por todos e pela constituição de um poder fazer coletivo” (Greimas, 1981b, p. 154-155).

É por meio da comunhão de modalidades comuns e constitutivas do sujeito que os indivíduos separadamente passam, então, em conjunto, a fazer parte de uma multidão. Todavia, o lituano esclarece que a multidão é um “[...] sujeito coletivo susceptível de um fazer coletivo não-decomponível em fazeres individuais sucessivos” (Greimas, 1981b, p. 155). Isso quer dizer que cada manifestante não segue necessariamente uma mesma programação narrativa, embora a multidão compartilhe de modalidades comuns. Por isso, a multidão não constitui uma totalidade partitiva como uma empresa em relação a outras de seu segmento. Diferentemente disso, cada indivíduo ou agrupamento pode seguir ou não a programação narrativa proposta pela totalidade integral e, com isso, a multidão é

⁶ O texto tem o título Sobre a história factual e a história fundamental (Greimas, 1981b) e se originou de uma comunicação realizada por Greimas em um simpósio em 1970. O texto foi editado pela primeira vez em 1973. Em 1976, foi acrescentado à coletânea de textos *Semiótica e ciências sociais* (Greimas, 1981a), do qual fizemos a consulta.

um conjunto em que as unidades não são Up e tendem a se deslocar e se comportar como Ui, que é, destacamos, a operação 4 na figura 1.

É esse horizonte analítico que permite diferenciar o *actante coletivo* como grandeza distinta do *actante individual*, sem utilizar o critério da unicidade ou da quantidade. O critério da unicidade menospreza as singularidades socioculturais e históricas do actantes coletivos. A quantidade não permitiria distinguir a diferença entre os actantes coletivos paradigmáticos e os sintagmáticos. Eis a fineza teórica que a semiótica traz para o tratamento da construção discursiva do ator *manifestante de rua*. Vamos continuar nossa reflexão no próximo tópico por meio da análise semiótica de duas postagens da *Mídia Ninja*, avançando sobre a proposta de Greimas e Landowski (1981) ao trazer dois perfis para o ator coletivo, conforme Costa (2018).

Análise semiótica de postagens da *Mídia Ninja*

A primeira postagem selecionada tem uma fotografia em destaque que evidencia as singularidades do ator *manifestante de rua*. Diferentemente de outras postagens, em que há várias fotografias e muitas delas recortam a multidão de manifestantes, a postagem que reproduzimos a seguir privilegia a figura de um único manifestante de rua, no centro da imagem.

Figura 2 – Postagem 1: Atos de protesto de 15 de março de 2015⁷.



Fonte: *Mídia Ninja* – Facebook, 2015 (<http://www.facebook.com/midiaNINJA>). Acessado em: 15 fev. 2019.

O ator *manifestante de rua* é bastante colorido. Ele está circundado de policiais que delineiam o monocromatismo entre o preto e o cinzento de suas vestes. Na categoria topológica, a tropa de policiais alinhada, lado a lado, próxima ao manifestante, em pé, arquitetada uma rede de paralelismos horizontais e, sobretudo, verticais, em detrimento das tangentes oblíquas que constituem a vegetação ao fundo. Nota-se que o plano fotográfico adotado é o médio e, com isso, o actante-observador da

foto encontra-se posicionado próximo à cena, de frente. Essa perspectiva torna os volumes e os formatos dos corpos dos policiais e os do *manifestante de rua* mais delineados. Essas características indicam que a heterogeneidade predomina sobre a homogeneidade na categoria eidética da imagem. Usamos nessa análise as categorias cromática (cor), topológica (disposição) e eidética (formato), proposta por Floch (1985).

Essas características reforçam o efeito de sentido de destaque do ator *manifestante* frente aos demais elementos que compõem a fotografia. A figura do *manifestante de rua* é a mais colorida, a mais heterogênea e a que possui mais paralelismos horizontais e verticais (como se nota pelas vestimentas e adereços constituídos por linhas e faixas). Com isso, a estratégia de construção do ponto de vista adotado pelo sujeito perceptivo nesse segmento visual predominante é a eletiva, conforme a proposta de Fontanille (1999).

Ao invés de apoiar a construção do ponto de vista sobre o conceito de sujeito, Fontanille (1999) traz uma outra proposta. O semioticista francês promove a relação entre dois actantes: *fonte* e *alvo*. Nessa abordagem, a *fonte* é o sujeito perceptivo, e o *alvo*, o objeto percebido. O ponto de vista é entendido como a modalização que incide sobre essa relação *alvo/fonte*. Essa modalização determina formas de interação estabelecidas entre esses dois actantes.

Fontanille (1999) propõe que existam, pelo menos, quatro tipos de estratégia de construção de ponto de vista nos textos, seguindo as modalizações tensivas estabelecidas entre fonte/alvo: *estratégia englobante*; *estratégia eletiva*; *estratégia particularizante* e *estratégia acumulativa*. Quando existe a apreensão mais geral do objeto percebido, tanto pela força da intensidade como pela duração da extensão, estamos diante da *estratégia englobante*. Já quando a intensidade se enfraquece e a duração do ato perceptivo é menor, estamos diante da *estratégia particularizante*, a qual captura o objeto visado em detalhes e parcialmente. Então, quando a tentativa de reconstrução do objeto é parcial, porém há uma maior duração, ocorre a *estratégia acumulativa*, que pretende dominar o objeto pela recorrência exaustiva do ato perceptivo sobre o objeto. A quarta possibilidade apontada ocorre quando o objeto percebido é apreendido com forte intensidade e fraca duração. Nesse caso, estamos frente à estratégia eletiva. Na postagem 1, essa é a estratégia utilizada, porque o sujeito perceptivo-cognitivo pressuposto da foto seleciona um determinado aspecto ou elemento do objeto, os Protestos de Março de 2015, para reapresentá-lo de maneira exemplar, no caso o manifestante trajado com cores do lábaro nacional e, ao mesmo tempo, com estampa da bandeira estadunidense.

Além disso, a figura do *manifestante* carrega o pendão dos Estados Unidos da América. A cartola que o ator *manifestante* está usando também reafirma o azul, o branco e o vermelho da bandeira estadunidense. Esses elementos resgatam interdiscursivamente a figura do Tio Sam (*Uncle Sam*), um dos símbolos da cultura norte-americana.

A interdiscursividade está presente nas vestimentas e nos acessórios do ator *manifestante de rua* flagrado pelo olhar do actante observador do texto. O referido manifestante está cindido, pois parte dele promove os valores do ufanismo nacionalista e, a outra parte, os valores do imperialismo norte-americano. Bourdieu e Wacquant (2002, p. 15) defendem que o “imperialismo cultural repousa no

poder de universalizar os particularismos associados a uma tradição histórica singular, tornando-os irreconhecíveis como tais” . Nesse processo, realiza-se uma *violência simbólica* (Bourdieu, 1989) que se constituiria por meio da intromissão de símbolos alheios e estrangeiros em uma determinada cultura. Todavia, o que seria uma violência simbólica não se realiza nessa imagem. O ator do enunciado *manifestante de rua* em destaque alia-se ao efeito de sentido de mistura, não ao de triagem, utilizando termos da semiótica tensiva (Fontanille; Zilberberg, 2001). Prova disso é o compartilhamento de um mesmo corpo actorial por parte de duas ideologias, a ufanista e a imperialista americana. Eis a confluência de ideologias que o corpo do ator manifestante de rua possibilita, confirmando-o como um actante coletivo paradigmático, uma vez que não serve necessariamente a uma programação narrativa que o constitua como unidade partitiva – ele tende a se deslocar para uma unidade integral, seguindo a operação 4 do quadrado semiótico, proposto por Greimas e Landowski (1981) (cf. figura 1).

A interdiscursividade disparada pela fotografia demonstra que o abafamento da estratificação social não ocorre *somente* no segmento verbal da língua, mas também está presente na linguagem visual. Há na fotografia um efeito de sentido de surpresa pela composição de elementos nacionais aos de uma pátria estrangeira (no caso, EUA), o qual é acompanhado pela comicidade do ator do enunciado em comparação ao momento histórico e ao fundo (figurativizado pelos policiais enfileirados). Esses efeitos de sentido se contrapõem a determinadas expectativas nacionalistas que estavam exacerbadas naquele momento, dia 15 de março de 2015. Esse rompimento se dá pela presença de uma certa *americanofilia*. Daí podermos dizer que essa imagem possui forte impacto sensível que desliza nas estruturas estéticas da fotografia – embora não seja esse um caso de uma “fratura na vida” , segundo a terminologia do mestre lituano (Greimas, 2017, p. 78).

De acordo com Oliveira (1995), o estudo da estesia nos textos permite demonstrar que existe:

[...] a força para despertar o leitor e o levar a sentir na mesmice das coisas uma revelação imprevisível e transformadora, isso não é analisar nem o belo, nem o feio, nem o bom, nem o mal, mas, antes de qualquer tipo de julgamento, é analisar na obra as suas estruturas para desencadear o sentir simplesmente as coisas do mundo, guiada pela atração dos sentidos. (Oliveira, 1995, p. 234)

Com efeito, depreende-se que o ator *manifestante de rua* figurativizado na foto rompe com determinados simulacros esperados por certo sistema social, enquanto que, no mesmo gesto, ele afiança outros contratos fiduciários. Na ordem do inteligível, como é próprio à mídia, há a ascendência. Na ordem do sensível, nas profundezas do sensorial, o raciocínio só vai se atualizar posteriormente. O que vem à tona é uma escapatória à ordem da mesmice, que é reelaborada pela ação do ator *manifestante de rua* fantasiado com elementos simbólicos da própria pátria e também de outra.

Para o sensível se instaurar e promover o efeito de sentido de *impacto* nessa imagem, há algumas condições. Primeiramente, é preciso que se (re)conheça o estatuto sensorial do interdiscurso que está associado ao processo de discursivização do ator *manifestante de rua*. Destacamos que, *a priori*, não causaria surpresa alguma se o mesmo ator *manifestante de rua* não portasse elementos simbólicos de

duas nações diferentes. E também não causaria nenhum estranhamento se não fosse reconhecível a presença das tropas ao seu redor ou dos valores simbólicos das duas nações, por parte do enunciador-leitor da fotografia. Esses elementos apontam que o ético participa do estético e que há estesia no interdiscurso.

Se Greimas (2017) observou o caminho do inteligível para o sensível, observamos, por meio dessa fotografia (cf. figura 2), o caminho inverso: do sensível para o inteligível. Depreende-se, portanto, que a estratificação social da qual o ator coletivo *manifestante de rua* participa relaciona-se com o estético, em maior ou menor grau. Além disso, notamos que há uma construção figurativa e temática que particulariza o ator manifestante de rua, desde as categorias do plano da expressão até as relações tensivas.

O segmento verbal traz outros semantismos a essa fotografia. A voz delegada do narrador diz: “Durante as cinco horas que caminhamos pela Avenida Paulista apenas em poucos momentos parecia haver concordância entre trios e manifestantes. Era quando gritavam “Fora PT”, “Fora Dilma” e “Fora Lula”” (MÍDIA NINJA, 2015a). Diferentemente de outros segmentos verbais do discurso jornalístico que privilegia o uso da debreagem enunciva (ele-alhures-então), esse enunciado traz uma debreagem enunciativa (eu-aqui-agora). Com isso, é produzido um efeito de sentido de maior subjetividade e intimidade entre o enunciador e o enunciatário. O tom do enunciado se faz como se fosse um relato pessoal, no qual a voz delegada do actante narrador faz saber o que viu, sentiu e pôde deduzir na participação do protesto de rua realizado no dia 15 de março de 2015.

Logo abaixo da fotografia, temos outro enunciado verbal. Neste, diferente do anterior, há a debreagem enunciva. O tom também é outro. Cria-se o simulacro de ser mais objetivo, embora tenha traços de ironia, principalmente no trecho: “Era uma manifestação, mas lembrava muito mais uma micareta” (MÍDIA NINJA, 2015a). Destacamos que o segundo enunciado é um discurso reportado do *blog dos Jornalistas Livres* (JORNALISTAS LIVRES, 2015).

O que distingue fundamentalmente a postagem 1 de outras postagens da *Mídia Ninja* é que ela promove *valências intensas da estesia* (Discini, 2015a). Partindo dessas considerações, ponderamos que há determinado perfil construído para o ator coletivo *manifestante de rua* nessa postagem⁸. Conforme propõe Costa (2018), o ator coletivo manifestante de rua pode apresentar, pelo menos, dois perfis: o *personalizado* e o *generalizado*. De acordo com nossa proposta, “o perfil generalizado tem características mais gerais, contornos homogêneos e pouca tonicidade, e o perfil personalizado possui mais figuratividade, contornos bem delineados e mais força de impacto” (Costa, 2018, p. 170). Como depreendemos, o ator manifestante da postagem 1 é permeado e constituído por vozes dissonantes, desde a figurativização de suas vestimentas, até os seus gritos que, como afirma o narrador desse texto, têm pouca concordância.

A mesma discursivização não se encontra na postagem 2. Essa segunda publicação foi editada em 16 de março de 2015, um dia após a postagem 1. E ela possui elementos diametralmente diferentes da postagem 1. A seguir, reproduzimo-la:

⁸ A noção de perfil decorre da percepção sensível do objeto percebido, conforme a tradição fenomenológica. Para maiores esclarecimentos, indicamos Merleau-Ponty (2015) e Discini (2015b).

Figura 3 – Postagem 2: os atos do dia 13 e os do dia 15 de março de 2015⁹.



Fonte: *Midia Ninja* – Facebook, 2015 (<http://www.facebook.com/midiaNINJA>). Acessado em: 15 fev. 2019.

A diferença entre postagem 2 e as outras publicadas pela *Midia Ninja* é que ela emparelha os dois protestos: os do dia 13 e os do dia 15, ocorridos no mês de março, sendo que os do dia 13 foram em prol do governo de Dilma Rousseff e os do dia 15, contrários. A imagem que acompanha os segmentos verbais da postagem é composta por duas fotografias: a da esquerda, que retoma os protestos do dia 13; e a da direita, os do dia 15. O plano fotográfico adotado nas duas imagens é o plano geral, capturando de cima para baixa a multidão em marcha na Avenida Paulista.

As categorias cromática, eidética e topológica constroem o ator *manifestante de rua* de maneira semelhante. Em ambas as fotografias, a multidão é o elemento mais colorido, mais homogêneo e composto por feixes de tangentes oblíquas. Essas características compõem uma corporeidade distinta ao ator *manifestante de rua* na postagem 2: é um ator coletivo apresentado *na* e *pela* multidão de corpos indistintos de sujeitos em marcha. Enquanto que na postagem 1 tínhamos apenas um manifestante representando o todo, na postagem 2, há uma multidão que representa dois momentos distintos do mês de março de 2015. Se na postagem 1, o perfil do ator coletivo era o personalizado; na postagem 2, o perfil adotado é o generalizado – utilizando as categorias propostas por Costa (2018).

O que diferencia, com mais nitidez, essas duas fotografias, é a categoria cromática: os protestos do dia 13 são compostos, sobretudo, pelas cores vermelha e branca; os do dia 15, pelas cores verde e amarela. Essas cores homologam-se a temas e figuras do plano do conteúdo, constituindo simbolismos que remetem a determinadas organizações sociopolíticas. O vermelho e o branco retomam simbolicamente os valores e as axiologias do PT e de outras agremiações sindicais, como a Central Única dos Trabalhadores (CUT); já o verde e o amarelo representam simbolicamente os temas do nacionalismo ufanista.

Ressaltamos que, a partir dos *Protestos de Março de 2015*, semissimbolicamente o verde-louro passou a também reforçar a ideologia do conservadorismo. Esse tema ficou incrustado figurativamente no *manifestante coxinha*, pois, como explicam Fagundez e Teixeira (2015, p. 19), durante os protestos, “paulistanos adotam o apelido de “coxinha”, antes equivalente a “mauricinho” e dão conotação política à gíria com o nome do salgado mais querido da cidade” .

Ao mostrar duas visadas diferentes de dois momentos distintos dos manifestantes de rua, podemos depreender que a estratégia de construção do ponto de vista adotado nessa postagem é o englobante (cf. Fontanille, 1999, p. 52). Diferentemente da estratégia eletiva assumida predominantemente na postagem 1, a estratégia englobante permite que, num bater de olhos, se interprete as oposições necessárias para o entendimento do sentido global do texto visual. Daí o perfil generalizado se sobrepor ao personalizado no que diz respeito à construção actorial do *manifestante de rua* que é capturado, considerando o contraste de cores e a homogeneidade das formas e volumes, por suas características mais gerais e abstratas, sutilmente elaboradas pelo olhar do enunciador midiático.

No cabeçalho da postagem 2, há o enunciado: “Mesmo sem um diploma de exatas ousamos ponderar que em ambos os dias, a verdade numérica deve estar no meio dos extremos. O problema é que cada lado adota para si o que lhe é mais conveniente” (MÍDIA NINJA, 2015b). Há, nesse trecho, a figurativização do narrador em sua relação com o narratário, porque o narrador afirma que “mesmo sem um diploma de exatas” é possível expressar o posicionamento de dúvida frente aos números divulgados pela grande mídia sobre a quantidade de manifestantes presentes nas ruas nos dois dias de protesto comparados visualmente pelas duas fotografias.

Destacamos que existe uma forte dependência entre o que se vê nas imagens e o que se lê no segmento verbal. O fazer-interpretativo do enunciatário-leitor pressuposto à postagem 2 poderia ficar prejudicado caso esse texto não estivesse ligado às duas fotografias. São as imagens que trazem à luz “os dias” aos quais o actante narrador faz referência. A inferência visual é possível graças aos semissimbolismos que ressaltamos, mas também em decorrência da maior proximidade desse enunciado com o contexto pragmático que o produziu.

Para além das fotos, há um segundo segmento verbal que explica as relações de sentido prenunciadas no primeiro excerto. No segundo segmento verbal, o actante narrador do texto relata que “diferença de números entre PM e Datafolha chega a mais de 450% nesse domingo [15/03/2015] e mostra quem é quem no jogo político” (MÍDIA NINJA, 2015b). O actante narrador se projeta ao narratário como contrário ao fazer crer estabelecido pelas métricas da PM e do Datafolha que, como indicado, possuem a discrepância de 450% . Isso produz um sintagma concessivo, conforme Zilberberg (2011): embora a PM e o Datafolha asseverem que existia certa quantidade de manifestantes, os dados são manipulados conforme a conveniência dessas organizações. Tensivamente, há a euforização do *não crer no acreditável* (Zilberberg, 2011, p. 244), pois o que parece ser a “verdade numérica” (MÍDIA NINJA, 2015e) não o é.

De maneira geral, o enunciado dessa postagem produz o efeito de sentido da mentira/ilusão. Com isso, coloca-se em xeque as certezas asseguradas pela

“verdade numérica” (MÍDIA NINJA, 2015b) sustentada pela PM e pelo Datafolha nas publicações da grande mídia. Há o fortalecimento do centro de valorização da identidade (*Mídia Ninja*) em oposição à da alteridade (grande mídia, PM, Datafolha, dentre outros). E o perfil generalizado do ator coletivo *manifestante de rua* auxilia esse fortalecimento, porque é construído de maneira esquemática, com pouca densidade figurativa, como se apreende pela designação “pessoas nos protestos” (MÍDIA NINJA, 2015b).

Eis duas postagens e dois perfis diferentes do ator coletivo *manifestante de rua* na construção discursiva arquitetada pela *Mídia Ninja*. Na postagem 1, temos um perfil personalizado: mais impactante, mais denso figurativamente e mais sensível. Na postagem 2, há o perfil generalizado: mais esquemático, pouco figurativo e mais inteligível. Em ambos os casos, os perfis do ator coletivo *manifestante de rua* fortalece o posicionamento axiológico e ideológico do enunciador midiático *Mídia Ninja*.

Considerações finais

O percurso que trilhamos até aqui demonstra que conseguimos atingir os dois objetivos deste estudo. No primeiro tópico, retomamos as premissas teóricas desenvolvidas por Greimas (1981a) e Greimas e Landowski (1981) para o conceito de *actante coletivo*, demonstrando suas contribuições para os estudos das comunicações sociais. No segundo tópico, analisamos semioticamente duas postagens da *Mídia Ninja* que abordavam as manifestações ocorridas em março de 2015.

Demonstramos, durante a análise, as diferentes estratégias discursivas utilizadas pela *Mídia Ninja* para construir o ator *manifestante de rua*. Com isso, verificamos que há dois perfis diferentemente arquitetados para o ator coletivo *manifestante de rua* que, baseados na formulação de Costa (2018), são nomeados: *personalizado* e *generalizado*. A nosso ver, esses dois perfis trazem uma contribuição para a teoria semiótica, porque eles tipificam os dois extremos da discursivização possível de um ator coletivo. Com efeito, eles podem auxiliar na apreensão e na descrição de outros atores coletivos para além do *manifestante de rua* – o que lançamos, como hipótese, para outros estudos.

Como os actantes coletivos podem ser distinguidos entre paradigmáticos e sintagmáticos, conforme Greimas e Landowski (1981), os atores coletivos podem ser diferenciados entre personalizados e generalizados, desdobrando a proposta do Autor (2018). Essa relação se estabelece, porque a proposição de Costa (2018) busca dar apoio teórico e metodológico para os níveis tensivo e discursivo. Tentamos, assim, contribuir para a fidelidade e a mudança na teoria semiótica, as quais foram previstas por Greimas (2014, p. 17) que disse: “[...] a renovação se mostra intrínseca a todo esforço teórico” (Greimas, 2014, p. 17).

Muito temos ainda que fazer no que concerne à construção do *ator coletivo*. Este é apenas um começo. Diferenciamos tipos de atores coletivos, homologando-os a actantes coletivos. Temos, agora, de definir como sintagmática e paradigmaticamente um *perfil generalizado* ou um *perfil personalizado* se constitui na trama dos discursos – eis o trabalho a se fazer nos próximos anos.

Conforme nossa epígrafe, Platão, no mito da caverna (Livro VII, da *República*), disse que não podemos ter medo da luz. Somente uma teoria do discurso e

do texto alerta pode ter ferramental teórico e metodológico atualizado para dar conta de análises de textos midiáticos complexos como o são os da *Mídia Ninja*¹⁰. Além disso, como apreendemos pelas análises efetuadas, a semiótica francesa tem condições de dar tratamento a textos com temário político, sem com isso, perder suas especificidades ou decair em aforismos e contendas ideológicas. Enfim, podemos dizer que as estruturas semióticas descem, sim, às ruas. ●

Referências

- COSTA, Marcos Rogério Martins. O corpo do manifestante das Jornadas de Junho de 2013: a charge e o editorial da Folha de São Paulo. *Galáxia*. São Paulo, n. 33, p. 158-170, set.-dez., 2016a.
- COSTA, Marcos Rogério Martins. Memória e tensividade: as Jornadas de Junho de 2013 na charge e no editorial. *Estudos semióticos*. São Paulo, v. 12, n. 1, p. 43-54, 2016b.
- COSTA, Marcos Rogério Martins. Problematizando a notícia em ato: a postagem da Mídia Ninja no Facebook. In: GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. VIII EPED - *Texto, discurso e multimodalidade: perspectivas atuais*. São Paulo: Paulistana, 2017, p. 277-292.
- COSTA, Marcos Rogério Martins. *Perfis do ator coletivo “manifestante de rua” : das Jornadas de Junho de 2013 aos Protestos de Março de 2015*. 429 f. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Lisboa: Difel, 1989.
- BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. Sobre as artimanhas da razão imperialista. *Estudos Afro-Asiáticos*. Rio de Janeiro, ano 24, n. 1, p. 15-33, 2002.
- DISCINI, Norma. Blog e campo de presença. *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, Araraquara, v. 13, n. 2, p. 89-143, 2015a.
- DISCINI, Norma. *Corpo e estilo*. São Paulo: Contexto, 2015b.
- FAGUNDEZ, Ingrid; TEIXEIRA, Regiane. “Coxinhas” se assumem com orgulho. *Revista São Paulo*. São Paulo, 22 a 28 mar. 2015, p. 18-21.
- FLOCH, Jean-Marie. *Petites mythologies de l’œil et de l’esprit*. Paris: Hadès-Benjamins, 1985.
- FONTANILLE, Jacques. Point de vue: perception et signification. In: FONTANILLE, Jacques. *Sémiotique et littérature: essais de méthode*. Paris: PUF, 1999, p. 41-61.
- FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. *Tensão e significação*. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Humanitas/ FFLCH-USP, 2001.
- GOHN, Maria da Glória. *Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo*. Petrópolis: Vozes, 2014a.
- GOHN, Maria da Glória. *Teorias dos movimentos sociais*. Paradigmas clássicos e contemporâneos. 11. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014b.

¹⁰ Conforme explica Discini (2015a, p. 94), os gêneros digitais promovem “uma mistura de enunciados, de enunciações, e dos próprios valores que fundam a presença exposta à transversalidade actancial favorecida pela internet”. Por isso, dissemos que são complexos os textos em circulação no universo digital, como os da Mídia Ninja divulgados na plataforma Facebook.

- GOHN, Maria da Glória. Manifestações de protesto nas ruas no Brasil a partir de Junho de 2013: novíssimos sujeitos em cena. *Revista Diálogo Educacional*. Curitiba, v. 16, n. 47, p. 125-146, jan.-abr. 2016.
- GREIMAS, Algirdas Julien (Org.). *Semiótica e ciências sociais*. Tradução de Álvaro Lorencini e Sandra Nitrini. São Paulo: Cultrix, 1981a.
- GREIMAS, Algirdas Julien. Sobre a história factual e a história fundamental. In: GREIMAS, Algirdas Julien (Org.). *Semiótica e ciências sociais*. Tradução de Álvaro Lorencini e Sandra Nitrini. São Paulo: Cultrix, 1981b, p. 145-156.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Semiótica e Ciências Sociais*. In: GREIMAS, Algirdas Julien (Org.). *Semiótica e ciências sociais*. Tradução de Álvaro Lorencini e Sandra Nitrini. São Paulo: Cultrix, 1981c, p. 35-50.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o sentido II: ensaios semióticos*. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Nankin; Edusp, 2014.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Da imperfeição*. Tradução de Ana Claudia de Oliveira. 2. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores; CPS, 2017.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. Tradução de Alceu Dias et al. São Paulo: Contexto, 2008.
- GREIMAS, Algirdas Julien; LANDOWSKI, Éric. Análise semiótica de um discurso jurídico: a lei comercial sobre as sociedades e os grupos de sociedades. In: GREIMAS, Algirdas Julien (Org.). *Semiótica e ciências sociais*. Tradução de Álvaro Lorencini e Sandra Nitrini. São Paulo: Cultrix, 1981, p. 69-113.
- JORNALISTAS LIVRES. *Apenas muda, Brasil*. 16 mar. 2015. Disponível em: <www.jornalistaslivres.org/apenas-muda-brasil-exported-from-medium/>. Acessado em: 15 fev. 2019.
- LORENZOTTI, Elizabeth. *Jornalismo Século XXI: o modelo # mídiaNINJA*. São Paulo: EGalaxia, 2014.
- McLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 2007.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- MÍDIA NINJA. Postagem 9. *Fanpage Mídia Ninja*. Facebook. 16 mar. 2015a. Disponível em: <<https://www.facebook.com/midiaNINJA/?fref=ts>>. Acessado em: 15 fev. 2019.
- MÍDIA NINJA. Postagem 10. *Fanpage Mídia Ninja*. Facebook. 16 mar. 2015b. Disponível em: <<https://www.facebook.com/midiaNINJA/?fref=ts>>. Acessado em: 15 fev. 2019.
- NOBRE, Marcos. *Choques da democracia: razões da revolta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013a. _____. *Imobilismo em movimento: da abertura democrática ao governo Dilma*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013b.
- OLIVEIRA, Ana Claudia de. A estesia como condição da estética. In: OLIVEIRA, Ana Claudia de; LANDOWSKI, Éric (Orgs.). *Do inteligível ao sensível: em torno da obra de Algirdas Julien Greimas*. São Paulo: EDUC, 1995, p. 227-238.
- PEREIRA, Vinícius Andrade. *Estendendo McLuhan*. Da Aldeia à Teia Global. Comunicação, Memória e Tecnologia. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- PLATÃO. *O mito da caverna*. (A República - Livro VII). Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora da UFPA, 2006.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. *Dicionário essencial de comunicação*. São Paulo: Lexikon, 2014.

SANTAELLA, Lucia. *Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual e verbal*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

SECCO, Lincoln. Brasil después del *impeachment*: una crisis de hegemonía? *Revista Política Latinoamericana*, v. 5, p. 61-76, 2017.

SCHERER-WARREN, Ilse. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 21, n. 1, p. 109-130, jan./abr. 2006.

SCHERER-WARREN, Ilse. Dos movimentos sociais às manifestações de rua: o ativismo brasileiro no século XXI. *Política & Sociedade*. Florianópolis, v. 13, n. 28, set.-dez. 2014.

TESNIÈRE, Lucien. *Éléments de syntaxe structurale*. 2. ed. Paris: Klincksieck, 1988.

ZILBERBERG, Claude. *Elementos de semiótica tensiva*. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

Dados para indexação em língua estrangeira

Costa, Marcos Rogério Martins

About the concept of collective actor: the discursive construction of the *demonstrator* in Facebook posts of “Mídia ninja”

Estudos Semióticos, Special issue “Political discourse in the contemporaneity: theoretical and analytical challenges”

vol. 15, n. 1 (2019)

ISSN 1980-4016

Abstract: *In March 2015, there were protests against and in favor of the policies of the newly re-elected president Dilma Rousseff. The popular mobilization was intense and encouraged the National Congress to begin the impeachment process. From the Facebook posts by the group Mídia Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação (Ninja Mídia), during the above mentioned period, this study develops the concept of collective actor. The notion of collective actant was first proposed by Greimas and Landowski (1981) in a semiotic analysis of legal discourse. Since then, it has been a concept that has not been explored more intensely by theorists of text and discourse. Through the discursive construction of Mídia Ninja, we developed the notion of a collective actor from the demonstrator actor. As theoretical framework, we assume the theoretical premises of Greimas and Courtés (2008) and the tensive unfoldings of Fontanille and Zilberberg (2001) and Zilberberg (2011). The methodology is a literature review supported by the semiotic analysis of two selected Facebook posts. The results indicate that there are two profiles for the demonstrator collective actor: the generalized and the personalized ones.*

Keywords: *Semiotics; Collective actor; Demonstrator.*

Como citar este artigo

Costa, Marcos Rogério Martins. Sobre o conceito de ator coletivo: a construção discursiva do *manifestante de rua* em postagens do Facebook da Mídia Ninja. *Estudos Semióticos [online]*. Dossiê temático “Discursos políticos na contemporaneidade: desafios teóricos e analíticos”. Volume 15, n. 1. Editores convidados: Oriana N. Fulaneti e Alexandre Marcelo Bueno. São Paulo, agosto de 2019, p. 31-47. Disponível em: { www.revistas.usp.br/esse }. Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento: 15/02/2019

Data de aprovação: 20/03/2019
